

# Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 188-197, julho-dezembro 2016

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2016.2.29245>

COMUNHÃO

## Ascensão da consciência e fé na humanidade: o ecumenismo e o diálogo inter-religioso de Teilhard de Chardin e os Papas em Assis

*Ascension of consciousness and faith in humanity: Teilhard de Chardin's ecumenism and interreligious dialogue and the Popes in Assisi*

Thiago De Moliner Eufrásio\*, Leandro Luis Bedin Fontana\*\*

### RESUMO

Com o intuito de apurar a compreensão e reflexão acerca da pluralidade religiosa, o presente artigo ocupa-se com os temas do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Para tanto, serve-se de um opúsculo de duas páginas escrito em 1946 pelo jesuíta francês Teilhard de Chardin que versa sobre esses temas. O fato de a teoria chardiniana a esse respeito não ser muito conhecida e desenvolver, inclusive, uma concepção e terminologia próprias gera questões e é motivo de investigação. Terá a perspectiva de Chardin ultrapassado os umbrais do Concílio Ecumênico Vaticano II, encontrando-se com os papas em Assis? Serão os papas, com seus discursos, realizadores do que refletira Chardin décadas antes? São interrogações que norteiam a investigação, apontando para a dimensão relacional do ser humano cujo polo de moção e atração é o amor, o Cristo-Ômega. O método consistirá na comparação da teoria chardiniana com os discursos papais dos encontros inter-religiosos pela paz em Assis (1986, 2011 e 2016), visando estabelecer uma relação entre essa teoria pré-conciliar e os discursos pós-conciliares à luz do próprio Concílio Vaticano II.

**PALAVRAS-CHAVE:** Chardin. Diálogo inter-religioso. Ecumenismo. Pluralismo. Encontros de Assis. Concílio Vaticano II.

### ABSTRACT

With the aim of sharpening the understanding about and the reflection on religious plurality, the present article addresses the issues of ecumenism and interreligious dialogue. For that purpose, it examines a two-page piece of writing about those topics composed by the French Jesuit Teilhard de Chardin in 1946. The very fact that his theory on those issues is not much known and that he even developed a very particular understanding as well as terminology raises questions and is worth investigating. Did Chardin's vision cross the threshold of the Second Vatican Council, meeting with that of the popes in Assisi? Are the popes, through their speeches, the performers of that which Chardin had envisaged a few decades before? These questions shall orientate this investigation, and thereby point to the relational dimension of human beings, whose center of motion and attraction is love, the Omega-Christ. The method consists in comparing Chardin's view with the papal speeches in the interreligious meetings for peace in Assisi (1986, 2011, and 2016), in order to establish a relation between this pre-conciliar theory and the post-conciliar speeches in light of the Second Vatican Council itself.

**KEYWORDS:** Chardin. Interreligious dialogue. Ecumenism. Pluralism. Meetings of Assisi. Second Vatican Council.

\* Mestre em Teologia Sistemática (PUCRS, 2016). Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Católica de Santa Catarina. E-mail: <[theufrasio@hotmail.com](mailto:theufrasio@hotmail.com)>.

\*\* Doutor em Teologia pela *Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen*, Frankfurt, Alemanha (2016). Pesquisador bolsista (PNPD/CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: <[leandro.fontana@puccrs.br](mailto:leandro.fontana@puccrs.br)>.



## INTRODUÇÃO

Numa era onde a pluralidade emerge da liberdade como sua expressão mais vigorosa, o diálogo reclama seu espaço. Sem ele, o relativismo pode eclipsar a liberdade, não permitindo que ela realize o que há de mais nobre em seu seio: a diversidade. E nesse sentido, a religião tem seu espaço e sua palavra. Todavia, corre-se o risco de simplesmente conviver com o diferente sem, necessariamente, interessar-se por ele ou sem permitir que ele possa aproximar-se existencialmente.

Apoiado em seu *crístocentrismo* cósmico, o jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin aponta para o inevitável encontro das religiões e cristianismo(s), concentrado no eixo central do Cristo-Ômega. Em seu momento histórico não via com clareza como isso se daria, o que, de certa forma, o torna uma espécie de profeta. Há que perguntar, contudo, se tal perspectiva cristocêntrica não revelaria, também, o seu próprio limite. Pois, enquanto o exclusivismo (eclesiocêntrico) pode levar a uma exclusão do diferente e o pluralismo, ao relativismo, o inclusivismo (cristocêntrico) pode, simplesmente, reduzir o outro às categorias de si mesmo,<sup>1</sup> prescindindo da necessidade do diálogo. É possível, portanto, um diálogo para além do cristianismo, sustentado na força de um crístocentrismo? Permanecerá a visão de Chardin válida para nossos dias? São questões que circulam por detrás das letras de sua reflexão e que parecem muito oportunas em tempos de intolerância e busca de diálogo.

O método adotado para averiguar se a visão de Chardin pode ser qualificada como profética e relevante, e não, meramente, utópica, será a análise e comparação com os discursos dos papas em Assis. Com efeito, os encontros de Assis ocuparão o centro da presente reflexão, pois eles são o marco não de uma *reflexão teológica* ou eclesial, como o foi, por exemplo, o Concílio Vaticano II (*UR* e *NA*), mas de uma *experiência concreta* que transcende os limites da Igreja, refletindo, assim, na terminologia chardiniana, uma ‘consciência universal’. Por fim, analisa-se a relação entre a teoria de Chardin e os discursos pontifícios de Assis à luz dos textos do Concílio Vaticano II com fins de constatar (ou não) a existência de uma coerência ou mesmo evolução entre estes marcos da ‘trajetória consciencial da humanidade’.

### 1 QUESTÕES DE THEILARD DE CHARDIN: PERGUNTAS FUNDANTES

Em 15 de dezembro de 1946, Chardin escreve um pequeno ensaio sobre o ecumenismo. Pequeno em seu formato, grande em suas linhas. Alguns autores escrevem para seu tempo, outros escrevem para leitores que ainda o encontrarão, sem, contudo, deixar de dialogar com seus pares, como um homem à frente de seu tempo. Assim era o Pe. Chardin, sempre preocupado que foi com as questões fundamentais que emergiam em seu tempo.

Nesse texto de 1946, ele expõe suas considerações sobre o ecumenismo com questões que ainda ecoam em nossos dias. Ele afirma: “procura-se neste momento um certo ecumenismo”<sup>2</sup>. Uma afirmação que poderia ser imparcialmente transferida para o presente ano. Todavia, ao ser endossado por sua perspectiva cósmica, ele se configura inconfundivelmente, dizendo que tal ecumenismo “acha-se inevitavelmente ligado à maturação psíquica da Terra; portanto há de vir”<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. BURGGRAEVE, R. *Alterity Makes the Difference*, p. 237.

<sup>2</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 181.

<sup>3</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 181.

Seu otimismo não se deixa levar pela ingenuidade de quem desconsidera as agruras de tal evolução. Prova disso é a inquietação que propõe como contraponto: “[quanto à] existência e realização deste ecumenismo continuo ainda na incerteza – ou melhor, parece-me ver sempre mais claramente que [...] as grandes correntes místicas atuais não são imediatamente reconciliáveis”<sup>4</sup>.

Há, portanto, segundo Chardin, um trabalho a ser realizado para que o ecumenismo, tal como ele o concebe, possa acontecer. Embora o ecumenismo esteja, segundo sua compreensão, no horizonte da evolução humana, ele não se efetivará sem uma adesão ativa a esta realidade. Neste cenário é preciso decidir, segundo ele, entre a convergência de linhas equivalentes – o que levaria a um sincretismo – e um eixo privilegiado e central, isto é, um Cristo incomensurável em termos de dignidade cósmica<sup>5</sup>.

Diante deste quadro, ele expõe balizas para esta reflexão, o que ele chama de “vias eficazes de ecumenismo”<sup>6</sup>, a saber: (a) *ecumenismo de cúpula*: entre cristãos, para explicitar um cristianismo ultraortodoxo e ultra-humano, em escala deveras ‘cósmica’; (b) *ecumenismo de base*: entre homens em geral, para precisar e desenvolver os fundamentos de uma ‘fé’ humana comum no futuro da Humanidade<sup>7</sup>.

Chardin está convencido de que a conjugação destes dois elementos tornará possível o ecumenismo dentro do conjunto evolutivo, como expressão de ascensão da consciência<sup>8</sup>. Conjugando os dois elementos, segundo ele, o resultado não é outro senão a necessidade de uma fé na Humanidade. Sem isso, todo o esforço chegaria até, ao máximo, a uma espécie de “confucionismo ou em sincretismos sem vigor nem originalidade”<sup>9</sup>.

Esta fé indica, peremptoriamente, a necessidade de um diálogo que se apoia, segundo ele, em duas *tipologias*: uma de Deus e outra da humanidade<sup>10</sup>. Tal tipologia precisa ser o fundamento do diálogo, pois, “se cada grupo mantém *seu* tipo de Deus e *seu* tipo de Humanidade (e sendo esses tipos heterogêneos), então não pode haver um sério acordo: há de realizar-se apenas a partir de equívocos ou de puro sentimento”<sup>11</sup>.

Na base desta ideia está a convicção de que a evolução da consciência não se dá por sua despersonalização, pois “para se comunicar, o meu eu deve subsistir na dádiva que faz de si próprio: de outro modo, o dom esvai-se”<sup>12</sup>. Chardin mantém-se fiel a sua perspectiva cristã: a evolução do universo tem seu cume em Cristo-Ômega. Nele, as tipologias acima citadas se fundem indicando o futuro-presente de cada ser humano. Aqui se impõe um indicativo indispensável para a compreensão de seu ecumenismo: desde Jesus Cristo, uma vida *ex-centrada*, ou seja, que não é fim em si mesmo, mas que se orienta para um todo.

O ecumenismo de Chardin, portanto, se fundamenta na necessidade de um comprometimento com a humanidade e na compreensão de um Deus que se coloca ao seu lado como companheiro nesta jornada de maturação. Um Deus que, segundo a fé cristã, antecipou na humanidade de Jesus de Nazaré, o futuro da humanidade. Um

<sup>4</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 181.

<sup>5</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 181.

<sup>6</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 181.

<sup>7</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 182.

<sup>8</sup> Sobre a ascensão da consciência ele diz: “A evolução como já reconhecemos e admitimos, é uma ascensão para a Consciência [...]. Mas esta Consciência, precisamente por ser suprema, não deverá levar em si mesma ao máximo grau o que constitui a perfeição da nossa: a inflexão iluminante do ser sobre si próprio? Prolongar na direção de um estado difuso a curva da Hominização é um erro evidente!” (CHARDIN, P.T. *Fenômeno humano*, p. 283). E mais adiante continua: “O Universal-futuro só poderá ser algo de hiperpessoal – no ponto Ômega”. (CHARDIN, P.T. *Fenômeno humano*, p. 285).

<sup>9</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 182.

<sup>10</sup> Cf. CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 182.

<sup>11</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 182.

<sup>12</sup> CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 287.

ecumenismo cuja expressão é, portanto, uma antropologia que parte da percepção do fenômeno humano que, ao caminhar para sua maturidade, caminha igualmente para a comunhão.

Em contrapartida, numa crítica dura à sociedade de seu tempo, Chardin questiona: “Mas que caminho tomamos até hoje para nos unificarmos? Uma situação material a defender. Um novo domínio industrial a abrir. Condições melhores para uma classe social ou para nações desfavorecidas”<sup>13</sup>. E conclui: “eis os únicos e medíocres terrenos em que temos tentado aproximar-nos”<sup>14</sup>. Diante desse quadro, a pergunta que se levanta é se existe alguma relação entre a expansão da consciência, enquanto maturação universal, e o anseio universal de paz e unidade, epitomado de forma emblemática nos discursos de Assis.

## 2 OS PAPAS EM ASSIS: SÃO FRANCISCO E CHARDIN?

Os encontros de Assis são também chamados de *jornadas pela paz*, uma ocasião de oração, reflexão e convívio entre diferentes religiões, igrejas e comunidades cristãs. Uma espécie de *laboratório* do que Chardin nomeia como convergência, fruto da expansão da consciência. Tais encontros aconteceram três vezes (1986, 2011, 2016).<sup>15</sup> Não se pretende aqui apresentar os discursos papais proferidos em Assis por ocasião do encontro de líderes religiosos. O que se pretende é perceber se há ou não alguma relação com os dois elementos sugeridos por Chardin como caminho ecumênico em seu escrito de 1946, a saber, o ecumenismo de cúpula e de base.

### 2.1 João Paulo II, outubro de 1986

Logo no início de seu discurso, o papa João Paulo II se apresenta motivado pela convicção da fé. É neste lugar existencial que, segundo ele, brota o convite para uma jornada pela paz, feito aos representantes de Igrejas e comunidades cristãs bem como das religiões mundiais. Logo no início ele já sinaliza a estrutura de seu discurso:

Com outros cristãos nós compartilhamos muitas convicções, especialmente em relação à paz. Com as religiões do mundo compartilhamos um comum respeito e obediência à consciência, que nos ensina a procurar a verdade, amar e servir a todos os indivíduos e todos os povos, e, portanto, fazer a paz entre os indivíduos e entre as nações<sup>16</sup>.

Já na abertura de seu discurso é possível perceber os dois elementos do ecumenismo, segundo Chardin. O ecumenismo de cúpula, entre os cristãos, com quem se compartilha convicções, e o ecumenismo de base, com as diferentes religiões em busca de um diálogo que promova a dignidade humana.

Seguindo a mesma perspectiva de Chardin, o Romano Pontífice se dirige aos diversos líderes religiosos fundamentando o sentido da jornada e oração pela paz na certeza de

<sup>13</sup>CHARDIN, P. T. de. *Fenômeno humano*, p. 291

<sup>14</sup>CHARDIN, P. T. de. *Fenômeno humano*, p. 291

<sup>15</sup>O contexto de sua inauguração desses encontros ser sublinhado. Em seu discurso, no encontro de 2011, Bento XVI faz memória desse contexto da seguinte forma: “Naquele momento, a grande ameaça para a paz no mundo provinha da divisão da terra em dois blocos contrapostos entre si. O símbolo saliente daquela divisão era o muro de Berlim que, atravessando a cidade, traçava a fronteira entre dois mundos” (PAPA BENTO XVI. *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*).

<sup>16</sup>PAPA JOÃO PAULO II. *Discorso di Giovanni Paolo II ai rappresentanti delle chiese cristiane e comunità ecclesiali e delle religioni mondiali convenuti in Assisi* (tradução própria).

que há uma Potência absoluta que impulsiona a força humana. A paz, diz ele, “depende fundamentalmente desta Potência que chamamos Deus”.<sup>17</sup> Deste modo, aponta para a paz como uma realidade eminentemente transcendental que vem à humanidade e que perpassa as esferas do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

É possível perceber na fala de João Paulo II a insistência num caminho universal, como propusera, décadas antes, Chardin. O papa vê o universo e nele a humanidade caminhando para seu ponto Ômega, Cristo. Destarte, associa a humanidade a um grande canteiro de obras cuja meta é o edifício da paz. Para ele, “a paz é um campo de trabalho aberto a todos, não apenas para especialistas, sábios e estrategistas. A paz é uma responsabilidade universal: ela vem através mil pequenos atos da vida cotidiana”<sup>18</sup>.

## 2.2 Bento XVI, outubro de 2011

Com cunho acadêmico e memorial, o Papa Bento XVI deixa sua contribuição para o diálogo de paz como caminho ecumênico e inter-religioso. Reportando-se ao primeiro encontro, outubro de 1986, convida seus interlocutores a revisitar a história e a perceber quais os passos dados pela humanidade desde então.

Essa memória direciona a estrutura de seu discurso para o que ele nomeia como *tipologias da violência*. A primeira se baseia na violência provocada pelo terrorismo que, frequentemente, tem uma motivação religiosa como justificção, crendo “poder anular as regras do direito por causa do ‘bem’ pretendido. Aqui a religião não está ao serviço da paz, mas da justificção da violência”<sup>19</sup>, afirma.

*A segunda tipologia, diz o papa emérito*, “possui uma motivação exatamente oposta: é a consequência da ausência de Deus, da sua negação e da perda de humanidade que resulta disso”<sup>20</sup>. Embora a religião possa fomentar a violência, o contrário também pode ser observado: sua ausência e a negação de Deus produziram grandes aberrações na história da humanidade “porque o homem [...] tomava por norma somente a si mesmo. Os horrores dos campos de concentração mostram, com toda a clareza, as consequências da ausência de Deus”<sup>21</sup>.

Ao lado dessas *tipologias*, porém não com sentido de violência, o papa Bento XVI acrescenta um terceiro grupo: os agnósticos. Segundo ele, são os que interrogam tanto aos que creem em Deus como os que negam sua existência. A estes, por seu questionamento, os convida a serem também peregrinos que, ao invés de negar, consideram a possibilidade de Deus. Segundo o papa, “estas pessoas procuram a verdade, procuram o verdadeiro Deus, cuja imagem não raramente fica escondida nas religiões, devido ao modo como eventualmente são praticadas”<sup>22</sup>.

Nos agnósticos, seguindo a perspectiva de Ratzinger, se encontram as diferentes realidades em forma de questionamento. Segundo o papa, eles acabam sendo o ponto de encontro de todos aqueles que peregrinam para a verdade e a paz. A aproximação com o ecumenismo de Chardin se dá nos termos de uma *fé no futuro da humanidade*. É o que se pode ler nas palavras do papa: “Trata-se de nos sentirmos juntos neste caminhar

<sup>17</sup>PAPA JOÃO PAULO II. *Discorso di Giovanni Paolo II ai rappresentanti delle chiese cristiane e comunità ecclesiali e delle religioni mondiali convenuti in Assisi* (tradução própria).

<sup>18</sup>PAPA JOÃO PAULO II. *Discorso di Giovanni Paolo II ai rappresentanti delle chiese cristiane e comunità ecclesiali e delle religioni mondiali convenuti in Assisi* (tradução própria).

<sup>19</sup>PAPA BENTO XVI. *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*.

<sup>20</sup>PAPA BENTO XVI. *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*.

<sup>21</sup>PAPA BENTO XVI. *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*.

<sup>22</sup>PAPA BENTO XVI. *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*.

para a verdade, de nos comprometermos decisivamente pela dignidade do homem e de assumirmos juntos a causa da paz contra toda a espécie de violência que destrói o direito”<sup>23</sup>.

### 2.3 Papa Francisco em Assis, setembro de 2016

O discurso do papa Francisco, pode-se dizer, possui uma estrutura chardiniana. Dividido em três partes, *meditação*, *discurso* e *apelo pela paz*, as duas primeiras mostram-se em consonância com a proposição ecumênica de Chardin.

Seu ecumenismo de cúpula, isto é, entre os cristãos, buscando esclarecer sua fé, está dado na meditação que se constrói baseada na súplica de Jesus abandonado: “Tenho sede” (*Jo 19,28*). Assim, o papa conclama os que creem em Jesus a redescobri-lo sedento nas situações desumanas de nossos dias. Diz o papa:

As palavras de Jesus interpelam-nos, pedem acolhimento no coração e resposta com a vida. Na sua exclamação “tenho sede”, podemos ouvir a voz dos que sofrem, o grito escondido dos pequenos inocentes a quem é negada a luz deste mundo, a súplica instante dos pobres e dos mais necessitados de paz. Imploram paz as vítimas das guerras que poluem os povos de ódio e a terra de armas; imploram paz os nossos irmãos e irmãs que vivem sob a ameaça dos bombardeamentos ou são forçados a deixar a casa e emigrar para o desconhecido, despojados de tudo<sup>24</sup>.

O crucificado sedento nas situações desumanas chama os cristãos a derramar a água da misericórdia no mundo, diz o papa<sup>25</sup>. A alocução do Papa Francisco aos líderes religiosos é marcado pelo apelo ao diálogo e cooperação como forma de superação daquilo que ele considerou em seu discurso como a grande doença de nossos dias, a indiferença<sup>26</sup>. Uma vez mais, assim como seus predecessores, o discurso do pontífice aponta para a dimensão antropológica da fé como porta para o diálogo. A *fé na humanidade*, como havia sublinhado Chardin, vai cristalizando-se como elemento indispensável para o diálogo.

O ecumenismo de base, segundo Chardin, além de ser pautado na *fé na humanidade* carrega também a necessidade de explicitar sua identidade para não cair num relativismo dos meios, o que é diferente de declarar que a meta é a mesma. Este aspecto é também sublinhado pelo papa quando diz:

Diversas são as nossas tradições religiosas. Mas, para nós, a diferença não é motivo de conflito, de polémica ou de frio distanciamento. Hoje não rezamos uns contra os outros, como às vezes infelizmente sucedeu na História. Ao contrário, sem sincretismos nem relativismos, rezamos uns ao lado dos outros, uns pelos outros<sup>27</sup>.

<sup>23</sup>PAPA BENTO XVI. *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo*.

<sup>24</sup>PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*.

<sup>25</sup>“Nós, cristãos, somos chamados a contemplar o mistério do Amor não amado e a derramar misericórdia sobre o mundo [...] Do lado de Cristo, na cruz, saiu água, símbolo do Espírito que dá a vida (cf. *Jo 19, 34*); do mesmo modo saia de nós, seus fiéis, compaixão por todos os sedentos de hoje.” (PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*).

<sup>26</sup>“É Deus que no-lo pede, exortando-nos a enfrentar a grande doença do nosso tempo: a indiferença” (PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*).

<sup>27</sup>PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*.

O diálogo e a comunhão são sinais concretos de que o caminho da religião, embora seja formado por diversas sendas, tem um aspecto comum: a paz<sup>28</sup> que fomenta a dignidade humana. Em uma linguagem chardiniana, afirma: “Desejamos que homens e mulheres de religiões diferentes se reúnam e criem concórdia em todo o lado. O nosso futuro é viver juntos”<sup>29</sup> e para isso convoca os crentes e diferentes tradições a serem *artesãos da paz* em dois aspectos que se identificam muito com os dois elementos do ecumenismo de Chardin: invocação de Deus e a fé no ser humano<sup>30</sup>.

### 3 A FÉ COMO FUNDAMENTO E HORIZONTE DE AÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II

Tendo-se comparado a visão chardiniana de um caminho ecumênico e inter-religioso com os discursos papais em Assis, é chegado o momento de tecer algumas considerações de cunho mais sistemático em vista tanto de um aprofundamento conceitual como de pistas para a ação. A reflexão terá como marco referencial os textos do Concílio Vaticano II, base dos discursos pontifícios de Assis e normativos na tradição católica.

Uma questão fundamental que emerge nesse contexto é se o diálogo ecumênico e inter-religioso seriam duas expressões de um mesmo movimento ou dois movimentos que podem se desenvolver paralelamente. Considerando o que disse A. Siebenrock, “somente no diálogo ecumênico (UR), inter-religioso (NA) e com todas as pessoas de boa vontade (GS) se concretiza a verdade do Evangelho”<sup>31</sup>, é possível afirmar que se trata de um mesmo movimento. Observando, ainda, a obra de Chardin em seu conjunto, torna-se também improvável um parecer que justifique dois movimentos paralelos, uma vez que o *plano de fundo* da sua proposta ecumênica não é senão um único caminho de expansão da consciência<sup>32</sup>.

Seguindo a compreensão de Chardin de um ecumenismo em nível cósmico, a expansão da consciência ao ponto Ômega é inevitável: o que nos une é muito maior do que aquilo que nos separa. O fato de que a Revelação de Deus, interlocutor da humanidade (DV 2.5), aconteça no interior da consciência humana (GS 16) chama cada vez mais à custódia da dignidade humana (DH 1) como ato de fé em Deus. Este ato, que se desdobra em fé na Humanidade, a qual, sem coações à consciência, é impelida a buscar a verdade (DH 3), não caracteriza, porquanto, dois movimentos independentes, mas auto-implicados.

O próprio Chardin, consciente do risco desta duplicidade, acrescentou ao seu opúsculo um *Nota Bene* onde diz, a respeito do ecumenismo de cúpula e de base: “as opções não são independentes. Por exemplo, optar pela fé no Homem<sup>33</sup> implica a opção pelo Deus de Tensão<sup>34</sup> (e reciprocamente)”<sup>35</sup>. Neste renovo de diálogo e comunhão, a

<sup>28</sup>“Paz, um fio de esperança que liga a terra ao céu, uma palavra tão simples e ao mesmo tempo tão difícil. Paz quer dizer Perdão que, fruto da conversão e da oração, nasce de dentro e, em nome de Deus, torna possível curar as feridas do passado. Paz significa Acolhimento, disponibilidade para o diálogo, superação dos fechamentos, que não são estratégias de segurança, mas pontes sobre o vazio. Paz quer dizer Colaboração, intercâmbio vivo e concreto com o outro, que constitui um dom e não um problema, um irmão com quem tentar construir um mundo melhor. Paz significa Educação: uma chamada a aprender todos os dias a arte difícil da comunhão, a adquirir a cultura do encontro, purificando a consciência de qualquer tentação de violência e rigidez, contrárias ao nome de Deus e à dignidade do ser humano” (PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*).

<sup>29</sup>PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*.

<sup>30</sup>PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*.

<sup>31</sup>SIEBENROCK, R.A. “O evangelho da dignidade humana”, p. 25.

<sup>32</sup>Cf. CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 182.

<sup>33</sup>Ecumenismo de base, isto é, diálogo inter-religioso.

<sup>34</sup>Expressão, segundo o autor, para o Deus segundo a concepção cristã-ocidental “como consumação de toda personalização e de toda determinação” (CHARDIN, P. T. de. *Ciência e Cristo*, p. 181).

<sup>35</sup>CHARDIN, P.T. de. *Ciência e Cristo*, p. 182.

participação cristã se dá na percepção de que o amor a Deus passa pelo amor aos seres humanos, isto é, por uma fé na Humanidade (cf. *IJo* 4,20).<sup>36</sup> Amor que, para Chardin, em seu significado evolutivo, é sinal da Convergência psíquica do Universo.<sup>37</sup>

Assim, o verdadeiro diálogo, fundado na liberdade religiosa, deve reger a coparticipação humana no destino da sociedade (cf. *DH* 8). Este entendimento “deveria levar as religiões a estabelecerem o diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção duma trama de respeito e de fraternidade” (*Laudato Si'* 201). Deste modo a liberdade religiosa se torna expressão da liberdade de consciência.<sup>38</sup>

Tal liberdade poderá ser regida por princípios que fomentem uma verdadeira cultura de diálogo, entre os quais se pode elencar uma profícua “cultura de colaboração para a promoção da dignidade humana e da justiça social”<sup>39</sup>. Dignidade humana e justiça social, elementos fundantes de uma verdadeira colaboração de quem tem fé na Humanidade como espaço de trans-ascendência.

Por fé na humanidade, não se deve compreender uma tentativa de usurpação da realidade divina, tampouco um movimento de endeusamento do ser humano que não seriam mais do que um ensimesmamento. Pelo contrário, a fé como elemento esponsal indica o comprometimento com a humanidade, ou melhor, com seu destino. Tal expressão permite, como disse o papa Francisco aos líderes de diferentes religiões, rezarmos “para que as consciências se mobilizem para defender a sacralidade da vida humana, promover a paz entre os povos e salvaguardar a criação, nossa casa comum.”<sup>40</sup>

Neste movimento de ascensão que abarca o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, o amor se apresenta como força de unidade. Para Chardin, “só o amor, porque só ele prende e junta os seres pelo mais fundo deles mesmos, é capaz [...] de completar os seres enquanto seres, unindo-os”<sup>41</sup>. Essa referida exclusividade do amor no caminho de ascensão da consciência e unificação da humanidade se dá em razão da incapacidade intrínseca da multiplicidade do universo de se agrupar ou progredir por si mesma. Não havendo como explicar, segundo leis físicas, por que é possível constatar, mesmo assim, um movimento evolutivo e convergente, Chardin postula que essa força de atração deve ser real e transcendente, e não meramente física ou imanente, como sustentavam, em seu tempo, as correntes darwinistas.<sup>42</sup> Cristo-Ômega é, pois, através de sua humanidade, essa ‘energia radial’, esse centro de atração amorosa, que irradia “as energias que conduzem o universo”, movendo todos os seres em direção a Deus.<sup>43</sup> Sem esse amor transcendente e anterior ao amor humano (cf. *IJo* 4,19) não há, portanto, chances mínimas para uma paz sustentável e união universal, o que está plenamente em consonância com os discursos dos papas em Assis.

Nesta união, o Amor não confunde nem despersonaliza, nele não há desintegração de consciência. Tampouco se trata de expurgar as diferenças, pois, para amar, é necessário coexistir. O Amor é o único que pode verdadeiramente levar o ser humano a seu pleno desenvolvimento que tem como expressão a relação. Relação pressupõe encontro e diálogo, requer pontes ao invés de muros. Aqui se localiza um outro elemento que favorece a relação entre Chardin e os papas em Assis.

<sup>36</sup>Um texto emblemático, neste sentido, é RAHNER, K. *Über die Einheit von Nächsten- und Gottesliebe* [Da unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo].

<sup>37</sup>Cf. CASADESÚS, R. El amor como fuerza conductora del desarrollo evolutivo en Teilhard de Chardin, p. 217.

<sup>38</sup>Cf. SIEBENROCK, R. A. “O evangelho da dignidade humana”, p. 34.

<sup>39</sup>PAPA FRANCISCO. *Encontro ecumênico na Malmoe Arena*.

<sup>40</sup>PAPA FRANCISCO. *Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz*.

<sup>41</sup>CHARDIN, P. T. de. *Fenômeno humano*, p. 292.

<sup>42</sup>Cf. CASADESÚS, R. El amor como fuerza conductora del desarrollo evolutivo en Teilhard de Chardin, p. 217.

<sup>43</sup>Cf. CASADESÚS, R. El amor como fuerza conductora del desarrollo evolutivo en Teilhard de Chardin, p. 217.

A pergunta real que emerge desse raciocínio é a seguinte: “onde devo investir minhas forças: em um movimento primário de autodefesa e de proteção de minha vida ou em uma atenção à vida do outro?”<sup>44</sup> Esta força do amor que emana do Ponto Ômega<sup>45</sup>, implica dizer que a fé na Humanidade, possui um *princípio-esperança*. Esperança que não finda seu horizonte na imanência, mas a supera, elevando-a consigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou a convergência existente entre o ecumenismo prefigurado por Chardin e aquele defendido nos discursos papais dos encontros de Assis. Comum lhes é a compreensão de que o diálogo e a hospitalidade são elementos que permitem à humanidade descobrir sua verdadeira vocação e seu destino comum. Fundados na fé cristã, compreendem que a valorização da alteridade é expressão do humanismo amadurecido na vivência do evangelho.

Portanto, elevar o horizonte imanente a uma paz que transcende as diferenças, é a expressão real de uma fé na Humanidade, como propunha Chardin. Neste sentido, afirmar a dignidade e promoção humana como fé e base de diálogo, significa assumir a compreensão de que, a rigor, os ditames da lei divina só podem ser percebidos e conhecidos pelo ser humano na própria consciência (cf. *DH* 3). Destarte, não se trata apenas de um ideal ético ou existencial. É, antes, expressão daquilo que Paulo entende como fruto do amor que Deus derrama nos corações humanos (cf. *Rm* 5,5).

Assim, na tensão entre o amor e a indiferença, a *fé* na Humanidade, como caminho para sua ascendência e horizonte ecumênico, passa pela relação que revela a unidade do sujeito constitutivamente relacional. E com esta expressão de amor, enquanto Energia-vital, o ecumenismo vai trilhando também o caminho da plenitude humana, isto é, de expansão da consciência em Cristo-Ômega, onde tudo encontrará plena realização.

## REFERÊNCIAS

- ADÃO, Francys Silvestrini. O Deus único, o pluralismo e a libertação do imaginário: quando únicos se tornam um. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 76, n. 303, p. 617-643. jul.-set. 2016.
- BURGGRAEVE, Roger. Alterity Makes the Difference: Ethical and Metaphysical Conditions for an Authentic Interreligious Dialogue and Learning. In: POLLEFEYT, Didier (Org.). *Interreligious Learning*. Lovaina; Paris; Dudley: Leuven University Press; Uitgeverij Peeters, 2007. p. 231-256.
- CASADESÚS, Ricard. El amor como fuerza conductora del desarrollo evolutivo en Teilhard de Chardin. *Quaerentibus*, Puebla, v. 5, n. 8, p. 213-224, jan.-jun. 2017.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Herder, 1970.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Ciência e Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei verbum sobre a Revelação divina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Dignitatis Humanae sobre a liberdade religiosa*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes sobre a igreja no mundo atual*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Nostra Aetate: A Igreja e as religiões não-cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>44</sup>ADÃO, F.S. O Deus único, o pluralismo e a libertação do imaginário, p. 640.

<sup>45</sup>A função cósmica de Ômega consiste em suscitar e manter sob a sua irradiação a unanimidade das partículas reflexivas do Mundo CHARDIN, P.T. de. *Fenômeno humano*, p. 296.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAPA BENTO XVI. Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo: peregrinos da verdade, peregrinos da paz. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/october/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111027\\_assisi.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20111027_assisi.html)>. Acesso em: 07 abr. 2017.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum. Roma, 2015. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_2015\\_0524\\_encyclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_2015_0524_encyclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PAPA FRANCISCO. Encontro ecumênico na Malmoe Arena. Discurso do Santo Padre. Malmoe, 2016. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco\\_20161031svezia-evento-ecumenico.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161031svezia-evento-ecumenico.html)>. Acesso em: 07 abr. 2017.

PAPA FRANCISCO. Visita do Papa Francisco a Assis para a jornada de oração pela paz: “Sede de paz. Religiões e cultura em diálogo”. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco\\_20160920\\_assisi-preghiera-pace.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco_20160920_assisi-preghiera-pace.html)>. Acesso em: 07 abr. 2017.

PAPA JOÃO PAULO II. *Discorso di Giovanni Paolo II ai rappresentanti delle chiese cristiane e comunità ecclesiali e delle religioni mondiali convenuti in assisi*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19861027\\_prayer-peace-assisi-final.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/october/documents/hf_jp-ii_spe_19861027_prayer-peace-assisi-final.html)>. Acesso em: 06 abr. 2017.

PAPA JOÃO PAULO II. *Pellegrinaggio Apostolico in India*: incontro di Giovanni Paolo II con i rappresentanti delle diverse tradizioni religiose e culturali. Deli, 1986. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19860202\\_rappresentanti-religioni.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/february/documents/hf_jp-ii_spe_19860202_rappresentanti-religioni.html)>. Acesso em: 08/04/2017.

RAHNER, Karl. Über die Einheit von Nächsten- und Gottesliebe. In: *Schriften zur Theologie*. Zürich; Einsiedeln; Köln: Benziger, 1965, v. 6, p. 277-298.

SIEBENROCK, Roman. A. “O evangelho da dignidade humana”: *Dignitatis humanae* – uma continua provocação. *Concilium*, n. 367, p. 25-34. set.-dez. 2016.

Recebido em: 18/11/2016

Aprovado em: 10/12/2016

**Correspondência para:**

Thiago De Moliner Eufrásio

Praça Hercílio Luz, 286 – Centro

CEP 88900-001 Araranguá, SC, Brasil